

O SUJEITO DA PSICANÁLISE E SUA FACE TRÁGICA: EFEITO DO DESEJO

THE SUBJECT OF PSYCHOANALYSIS AND ITS TRAGIC FACE: EFFECT OF DESIRE

RITA DE CÁSSIA DE ARAÚJO ALMEIDA

RESUMO - A ciência moderna, na sua busca por um método que fosse capaz de conhecer o objeto sem as influências subjetivas do pesquisador, elide o sujeito. A psicanálise surge, então, para cuidar do sujeito, do componente trágico que lhe concerne e que a ciência rejeitou. Em lugar do “penso logo sou” cartesiano, que supõe uma unidade do ser, Freud propõe o “eu não é senhor da sua casa”, para dizer de um eu que não é todo explicado pela razão. Nessa perspectiva, o desejo não pode ser confundido com uma vontade racional e consciente, da qual o eu teria total controle. A ética da psicanálise é aquela que convoca o sujeito a prestar contas frente ao próprio desejo, que ele não comanda, mas do qual é sempre responsável. A psicanálise está disposta a não recuar do componente trágico que nos constitui, pois entende que recuar dessa dimensão trágica é produzir seres repetidos, como os objetos em série produzidos pela ciência. Por outro lado, a ciência, na tentativa de buscar um saber universal que silencie o mal-estar, escolhe recalcar o desejo.

PALAVRAS-CHAVE - Psicanálise; Desejo; Ética; Ciência.

ABSTRACT - The modern science, in its search for a method that was capable of knowing the object without the subjective influences of the researcher, elided the subject. Psychoanalysis arises, then, to take care of the subject, of the tragic component that concerns him and that science has rejected. In place of the Cartesian "think therefore I am", which supposes a unity of being, Freud proposes the "I is not lord of the house", to say of a self that is not all explained by reason. In this perspective, desire can not be confused with a rational and conscious will, of which the self would have complete control. The ethics of psychoanalysis is that which calls the subject accountable to his own desire, which he does not command, but of which he is always responsible. Psychoanalysis is willing not to retreat from the tragic component that constitutes us, because understands that to retreat from this tragic dimension is to produce repeated beings, such as serial objects produced by science. On the other hand, science, in the attempt to seek a universal knowledge that silences the malaise, chooses to emphasize desire.

KEYWORDS - Psychoanalysis; Desire; Ethic; Science.

I. O NASCIMENTO DA CIÊNCIA

Nietzsche concebe a história do ocidente moderno como a história da repressão do trágico. Em sua obra *O Nascimento da Tragédia*, o autor vai destacar o valor da cultura grega e sua arte trágica, como uma forma de arte superior. Os gregos, para Nietzsche, seriam o povo mais admirável de toda a história, exemplos a serem seguidos, pelo seu princípio estético [8]. Durante mais de um século, tal forma de arte vai se tornar fundamental na cultura grega, no entanto, sabemos, viverá seu crepúsculo quando o racionalismo socrático ganhar força.

Na visão de Nietzsche, com o declínio da tragédia, o homem teórico representado pela figura de Sócrates, vai se contrapor ao homem trágico, Dionísio, promovendo a deca-

dência da cultura grega. A “alegria grega” exaltada inúmeras vezes por [8], chega ao fim, banhada pela ilusão socrática de compreender e explicar o mundo a fim de curar a ferida existencial do homem.

O homem teórico torna-se assim o ideal de homem para a Era Moderna: equipado com o conhecimento, ele trabalha a serviço da ciência. [8] O pensamento moderno, herdeiro da estirpe socrática será, portanto, responsável por aumentar ainda mais o abismo entre o ser humano e sua experiência trágica. O homem teórico busca na individualidade seu refúgio, é o homem centrado, senhor de si, racional, e somente assim, capaz de criar um método para conhecer o mundo.

Descartes, por sua vez, vai completar a missão de Sócrates

ao inaugurar a razão como aspecto mais sublime do homem, acabando por cindi-lo e arrancando dele sua dimensão mais humana, sua tragicidade. Recriado pelo famoso dito cartesiano, Cogito Ergo Sum, o sujeito moderno é aquele que é onde pensa, sendo assim, sua dimensão de alteridade será negada para que nasça o in-divíduo: sem divisão.

Assim sendo, a ciência moderna, na sua busca por um método que fosse capaz de conhecer o real sem as influências subjetivas do pesquisador ou cientista, se propôs a separar o sujeito do objeto. Ou seja, para alcançar um objeto sem sujeito coube à ciência se firmar à custa do recalque do sujeito—para usar o termo freudiano. Isso quer dizer que o ideal da ciência é acessar um real que não possua sujeito, limpando assim o objeto de todos os possíveis erros e equívocos que o sujeito lhe imporia.

Lacan em *A Ciência e a Verdade*, dirá desse momento historicamente datado onde nasce o sujeito da ciência. Para Lacan [4] é impensável que a psicanálise e a noção de inconsciente postulada por Freud pudessem ter nascido antes do advento da ciência. Lacan defende ainda que Freud, ao contrário do que se diz, não pretendeu romper com o cientificismo de sua época, ao contrário, buscava um rigor metodológico, o que lhe foi essencial para criar a psicanálise. Cita ainda, que o rompimento com Jung se deveu exatamente ao fato deste último ter escapado por uma via que Freud considerava não científica [4].

Com efeito, apesar de dizermos que a psicanálise opera sobre o sujeito da ciência, o sujeito que a psicanálise pretende dar lugar é aquele que a ciência elidiu. O eu penso logo sou cartesiano supõe no sujeito uma unidade que rejeita e rechaça aquilo que tal unidade não comporta. Aquilo que cai dessa suposta unidade do ser depois de capturado pela ciência, é exatamente aquilo do qual Freud se ocupa: sonhos, atos falhos, lapsos, chistes e sintomas. Isso que não cabe no sujeito da ciência será acolhido pela psicanálise; este é o percurso de Freud a partir de sua escuta às históricas.

II. PSICANÁLISE: FILHA BASTARDA DA CIÊNCIA

Dizer que a psicanálise é filha bastarda da ciência é considerar que, apesar desta só ter sido possível a partir do advento do sujeito da ciência, ela surge também para fazer enfrentamento à ciência, para provoca-la.

Lacan dirá que o sujeito dividido que Freud inaugura é aquele que aparece no dito *Wo Es war, sol Ich werden*, que aquele traduz como: lá onde isso estava, eu como sujeito devo advir. Tal divisão se dá entre a verdade e o saber, afirma Lacan [4]. Ou seja, o sujeito do qual a psicanálise trata, não sabe sobre sua verdade, tal como pretenderia o sujeito da ciência. Os sonhos, os atos falhos, os lapsos os chistes e os sintomas – representantes do inconsciente freudiano – mostram ao sujeito que existe algo de sua verdade que não pode ser acessado pelo seu saber racional.

Ademais, o que Freud vai propor com sua psicanálise é novamente dar um lugar a este sujeito recalado pela ciência. A psicanálise vai dar lugar, portanto, ao componente trágico do homem, componente que a ciência tende a rejeitar.

...se Freud não houvesse inventado a pulsão de morte, por certo ficaríamos privados de uma representação trágica dos desafios históricos que a consciência moderna tem de enfrentar. Quanto à psicologia, ela se haveria perdido no culto hedonista do poder identitário para promover um sujeito liso e sem rebarbas, inteiramente encerrado num modelo físico-químico. [10]

Em entrevista recente publicada no *El País* a psicanalista Elisabeth Roudinesco afirma que “Freud nos tornou heróis das nossas vidas”, ou seja, a ele coube a tarefa de trazer a novidade de que cada um deve cuidar de contar e protagonizar sua própria história. Não por acaso, Freud utilizou das tragédias gregas e seus heróis para escrever sobre psicanálise. Édipo, por exemplo, herói da tragédia de Sófocles, é aquele que mais ganhou fama na teoria de Freud. A tragédia edípica serviu para ilustrar e fornecer subsídios a Freud quando este decidiu discorrer sobre a tragicidade originária da constituição do sujeito humano.

Freud era um homem das ciências, como vimos, mas que percebeu na sua clínica, a limitação de explicar com a biologia todos os fenômenos que ali surgiam. Freud entendeu que aquilo que os seus pacientes narravam sobre suas histórias, suas tragédias pessoais, também se manifestavam neles por meio de sintomas, inclusive em seus corpos; tal como demonstravam as históricas da época. [10] dirá que se Freud tivesse se mantido fiel ao modelo neurofisiológico jamais teria conseguido construir uma teoria do comportamento humano tomando como ponto de partida dos grandes mitos da literatura.

Com efeito, Freud nos convida a narrar nossa própria tragédia e, por meio da técnica da psicanálise, nos tornar protagonistas da mesma, ainda que seja apenas para nos responsabilizar sobre aquilo que, muitas vezes, se impõe à nossa revelia. Responsabilizar-nos pela construção da nossa narrativa, ao invés de nos tornarmos apenas vítimas e expectadores passivos de nossos sintomas, esta seria a direção que Freud tomou com sua psicanálise.

Entretanto, para conceber o sujeito humano como herói de sua própria narrativa, Freud compreendeu que a linguagem também faz marca em tal sujeito. Assim sendo, precisou, de algum modo, romper com a concepção de sujeito moderna, aquela que vai servir à ciência.

III. DESEJO INCONSCIENTE COMO FUNDAMENTO DO SUJEITO EM PSICANÁLISE

“Agiste conforme o desejo que te habita?” Com esta pergunta Lacan [6] interroga o desejo inconsciente, aquele que é o fundamento da ética da psicanálise. Tal questão carrega uma consideração importante: a de que o desejo não pode ser confundido com uma vontade racional e consciente, da qual o Eu teria total controle. O desejo habita em nós, mas não o comandamos. Sendo assim, o sujeito é suporte e receptáculo do desejo, não seu agente. Nas palavras de Freud: o Eu não é o senhor da sua própria casa, como já dissemos anteriormente.

Lacan dirá que o desejo é aquilo capaz de fazer um sulco no real [3], ou seja, o desejo carrega consigo uma dimensão de real que escapa à simbolização. Nesse sentido, acolher a dimensão do desejo inconsciente é admitir que o sujeito não é pensador nem pensante, é pensado. O Eu não é Mestre das suas ações. Mas isso não quer dizer que o sujeito possa ser considerado uma vítima passiva do próprio desejo. Apesar de ser capturado pelo seu desejo inconsciente, o sujeito é responsável por ele. O desejo possui, portanto, uma dimensão paradoxal. Apesar da escolha inconsciente não ser uma escolha racional, também não se trata de uma escolha involuntária. Ao escolher agir em nome do próprio desejo o sujeito comparece e se responsabiliza em ato.

A tragédia de Édipo se pauta nesse paradoxo do desejo inconsciente. Édipo é aquele que, sem saber, mata o pai e desposa sua mãe. Mas, mesmo não sendo agente consciente da sua escolha ele se comporta como responsável por ela, e não vítima. Édipo se torna sujeito da sua escolha inconsciente quando admite que as maldições que recaem sobre sua comunidade são consequências do seu ato maldito. E é assumindo a responsabilidade pelo seu não-saber que Édipo se torna sujeito. Sendo assim, após a verdade ter sido revelada a Édipo e seu pecado ter se tornado consciente, este é punido como quem cometeu um crime integral e consciente, o que, a princípio, nos parece injusto, entretanto para a psicanálise, isso está psicologicamente correto [1]. O sujeito não é agente do próprio desejo, mas paga por ele tal como se fosse; essa é a sua dimensão trágica.

No caso da tragédia de Antígona (filha de Édipo) temos novamente essa responsabilização do sujeito com seu ato. Antígona assume o próprio desejo em ato e faz isso à revelia de uma lei, norma ou bem universais. O desejo de Antígona é uma transgressão. Ela decide sustentar a lei particular do seu desejo que é enterrar o próprio irmão, mesmo que isso implicasse em desobedecer a lei instaurada pelo rei Creonte. Em seu reinado, Creonte determinou que nenhum dos filhos de Édipo (ainda como punição para seus crimes) fosse enterrado. Os corpos dos filhos de Édipo deveriam ser simplesmente abandonados na floresta a fim de servirem de alimento aos animais. Além disso, qualquer um que ousasse desobedece-lo seria condenado a morte.

Antígona traz com seu ato a dimensão do desejo que faz do sujeito uma contingência que emerge de forma solitária e por meio de uma escolha em perda. Assumir o próprio desejo, nesse sentido, vem como uma espécie de constrangimento a partir do qual o sujeito é compelido a escolher [11]. Uma escolha que ele faz sozinho, sem garantias e assumindo a perda. A escolha desejante que Antígona nos aponta é aquela que a impele a transgredir solitariamente uma lei universal instaurada, e ainda, sob o risco de pagar por tal escolha com sua própria vida.

Assim sendo, ao contrário do que possa parecer, assumir o próprio desejo não é uma espécie de caminho garantido para a felicidade. O desejo tem relação com perda e com a morte, mas por outro lado, é apenas nessa fresta que se abre por meio dele que o sujeito pode advir. É assim o enunciado

Freudiano: *Wo Es war, soll Ich werden*, que Lacan traduziu como: “Lá onde estava o isso, eu como sujeito, devo advir” [4]. Lá onde se abre o buraco do real – aquilo que não é todo explicado, todo simbolizado, todo resolvido, todo decidido, todo determinado – é que eu posso advir como sujeito. O desejo opera como um corte ao que já está estabelecido, e mesmo sem garantia é o único lugar a partir do qual o sujeito pode emergir.

IV. ÉTICA TRÁGICA E ÉTICA DA PSICANÁLISE

Como afirma [11], o herói trágico é aquele que apesar de estar submetido ao divino – ao Outro – não faz dele álibi do seu ato, ele não age nem em nome de um bem comum, nem em nome de um bem privado, mas responsabiliza-se em nome próprio, em nome de um dever que o ultrapassa e o constitui. Assim sendo, se o herói trágico não obedece às teorias, às normas da cidade, ao bem comum, a um suposto ideal, à política, à religião ou à moral, sua escolha não representa necessariamente um ganho, mas, sobretudo, uma perda.

Tal como o herói trágico o sujeito da psicanálise é aquele que é convocado a assumir uma posição diante do próprio desejo. E é exatamente na hiância aberta pela contingência do desejo que o sujeito do inconsciente irrompe com sua singularidade. Hiância que se abre apenas para depois se fechar. Isso faz do sujeito da psicanálise aquele que emerge a cada situação e a cada vez, não sendo determinado por nenhum discurso Universal, nenhum Bem ou regra à priori. Nesse sentido, a psicanálise não advoga por nenhuma uma teoria ou definição sobre como agir, cabe ao sujeito, atravessado pelo seu desejo, fazer sua escolha singular, sem nenhuma garantia de felicidade. Freud já nos avisava que a felicidade não está nos planos da humanidade. Para quem escolheu mediar sua relação com o mundo por meio da linguagem o paraíso está para sempre perdido.

Com efeito, a linguagem é uma estrutura, uma estrutura que preexiste ao sujeito. O sujeito não fala, é falado. Todavia, para a psicanálise a estrutura da linguagem não determina o sujeito, mas o possibilita, já que sem o aparato da linguagem, não há possibilidade de sujeito. A linguagem dá lugar para o sujeito. Por outro lado, a linguagem é uma engrenagem que não se completa sozinha, precisa de quem a signifique, e ao significá-la o sujeito comparece como indício, como uma promessa. Por isso, para a psicanálise não sou eu quem falo, ao contrário, o que eu falo é que diz sobre mim.

Retomando a tragédia de Antígona, nossa heroína, ao assumir seu desejo, comparece como sujeito, em ato. Diante do conflito que lhe é apresentado – enterrar seu irmão e desobedecer à lei imposta por Creonte, correndo o risco de morrer em nome disso ou obedecer à lei, preservando sua vida e deixar seu irmão insepulto – Antígona, com seu ato, comparece como sujeito, mas obviamente que em queda, em perda, perda que pode ser, inclusive, a da própria vida. É por isso que Lacan vai dizer que Antígona “leva até o limite a efetivação do que se pode chamar de desejo puro, o puro e simples desejo de morte como tal” [6]. Sendo assim, o que nossa heroína deixa evidente é que assumir o próprio

desejo não é garantia de sucesso ou felicidade, isso pode, ao contrário, levar o sujeito à destruição.

O fato é que a realização de um desejo supõe, por um lado, o ultrapassamento de um limite; aquele instaurado pelo princípio do prazer [6]. Por outro lado, supõe a submissão a uma segunda morte, não a morte de sua natureza, mas do significativo. Com efeito, o desejo só se põe em marcha por meio da perda. Ele opera como uma dobradiça que se instala entre o sujeito vivo e sua morte, lugar de passagem, pontual e evanescente. Ao fazer valer seu desejo o sujeito consente em pagar o preço da perda com seu ato. Isso faz do desejo um componente trágico, e a partir do qual emerge o sujeito. É aquele que, apesar de estar submetido à polis, às leis, à moral, à religião ou a qualquer outra dimensão que se pretenda universal, não faz delas álibi do seu ato. O sujeito do desejo não age em nome de um bem comum ou privado, mas responsabiliza-se em nome próprio por uma posição ética. Assim sendo, a coragem é característica da posição ética. É ao preço de sua perda que o herói toma o destino em suas mãos, tornando-se resto (objeto) do seu empreendimento [11].

V. MAS SE O SUJEITO É COMANDADO PELO INCONSCIENTE, COMO FALAR DE ÉTICA?

A formulação lacaniana acerca da ética da psicanálise indica que, fora da dimensão da responsabilidade por parte do sujeito, não haveria o inconsciente [11]. Nesse sentido, Antígona é uma vítima voluntária, já que ela escolhe a determinação que a causa. A condição do desejo se funda no ato do sujeito, quando esse se responsabiliza por aquilo que lhe concerne. Isso faz com que a escolha desejante seja uma escolha forçada, mas ainda assim o sujeito escolhe dar o passo. A lei inconsciente que rege o sujeito não é estabelecida por este, o que faz com que o mestre do desejo seja o Outro. Entretanto, para que o desejo se realize é necessário um sujeito em ato. Ao agir compelido pelo seu desejo, o sujeito cava um buraco no Outro, de onde emerge com sua singularidade. Herói trágico e sujeito do inconsciente são aqueles que, de acordo com a formulação lacaniana, pensam com os pés [11].

Com efeito, a ética da psicanálise é aquela que convoca o sujeito a prestar contas frente ao próprio desejo. Ao comparecer em ato, compelido pelo desejo, o sujeito tem a oportunidade de fazer um corte no real. Nesse sentido, ao invés de apenas se submeter e padecer do real, o sujeito é aquele que pode inventar seu próprio estilo, seu próprio modo de lidar com o mesmo. No entanto, o sujeito pode recalcar o próprio desejo, e escolher não querer saber sobre ele; isso seria uma característica da posição neurótica.

O desejo irrompe como uma espécie de dobradiça que obriga o sujeito a advir tomando uma posição; que pode ser tanto assumir quanto de ceder ao desejo. Para a psicanálise, por qualquer que seja a escolha, o sujeito é responsável; deverá prestar contas tanto por assumir sua posição desejante, quanto de recuar dela. Ou seja, de todo modo o sujeito pagará seu preço - o preço da perda do Eu - mas advirá como

responsável. O neurótico é aquele que, diante da chamada do desejo, o recalca, paralisa, não toma posição de sujeito, fazendo sintoma. Por isso, também somos responsáveis pelo sintoma do qual padecemos, porque ele nos representa, é receptáculo da nossa forma de gozo.

Falar em ética da psicanálise, portanto, é falar em responsabilidade. Sob tal ética, nos tornamos responsáveis tanto por agir em nome do desejo, tanto quanto por assumir a posição de recuar dele. Nas duas situações, mesmo sem garantia de sucesso, escapamos da posição neurótica. Já a neurose é uma posição que nos faz paralisar diante do real e padecer dele. Ao agir a partir do desejo que nos habita temos a oportunidade, como diria Freud na invenção da psicanálise, de transformar nossa miséria neurótica em infelicidade banal. Assumir a condição de sujeito, nesse sentido, não é garantia de felicidade, mas nos possibilita imprimir no Outro algo que seja singular. O sujeito atravessado pela ética do desejo é aquele que, apesar de ser habitado por um Outro sobre o qual não tem nenhum controle, tem a possibilidade de cavar um sulco nesse Outro para comparecer com seu estilo singular. Para o neurótico o Outro é uma espécie de aprisionamento, que o sufoca e oprime. Ao se libertar da neurose, por outro lado, o sujeito encontra uma fresta na qual pode dar seu passo. O Outro, nesse caso, se torna um possibilitador e não um mero determinante para o sujeito.

Por outro lado, ao não se responsabilizar pelo próprio desejo o sujeito é tomado pela culpa. Lacan dirá que ceder ao desejo é a única coisa a qual o sujeito pode ser sentir culpado [6]. Assim sendo, responsabilidade e culpa são dimensões mutuamente excludentes. Fora de uma tomada de posição, resta ao sujeito apenas a culpa [11]. Enquanto o desejo move o sujeito e o impele a se movimentar perante o real, a culpa é uma forma de gozo que paralisa o sujeito e impede que ele se responsabilize pela sua posição.

Lacan dirá que desejar e não querer desejar são a mesma coisa [3]. Não querer desejar significa, assim, um impasse do sujeito na injunção do desejo e não sua abolição, ou seja, o sujeito também é responsável por recuar [11]. A ética psicanalítica convoca o sujeito a se responsabilizar frente ao próprio desejo, que pode ser inclusive recuar dele. De todo modo o sujeito pagará um preço. O que Freud defendia é que a miséria neurótica apagaria do sujeito a possibilidade de criação e invenção de uma forma singular de estar no mundo.

Assim sendo, a responsabilidade ética da qual a psicanálise é fiadora só pode ser pensada de forma singular: por cada um e a cada vez. Por isso, a psicanálise não pretende propor nenhuma receita que seja universal, afinal, toda receita ou resposta universalizada apaga a possibilidade do sujeito responder com sua visada singular.

Com efeito, o desejo é sempre uma transgressão a uma lei ou a um bem que se pretenda Universal. O desejo emerge fazendo uma rachadura no estabelecido, naquilo que já está posto pelo Outro. E é nessa rachadura que se abre – que denominamos de inconsciente – que o sujeito pode emergir. Tal fresta está sempre pronta para abrir, mas abre apenas para se fechar em seguida. Por isso, o sujeito da psicanálise só

pode aparecer de modo pontual e evanescente, em cada um e a cada vez.

Diante dessa visada ética, entendemos que a psicanálise não propõe nenhuma receita de felicidade e ou satisfação, nenhuma saída pronta para nossos mal-estares. A promessa de Freud, já no início da criação da sua psicanálise, era bem singela e humilde, por sinal. Freud sempre afirmou que a felicidade não está nos planos da humanidade, então sua invenção não poderia fazer nada para garanti-la. A única pretensão de Freud era a de que sua psicanálise fosse capaz de nos livrar da miséria neurótica para que pudéssemos experimentar a infelicidade banal, comum; aquela da qual não se pode escapar.

VI. O DESEJO E O SUJEITO MODERNO

Para tratar do sujeito moderno utilizaremos a tragédia de Hamlet. Hamlet é a antítese do herói trágico. A questão colocada por Hamlet – ser ou não ser – faz dele um sujeito paralisado pelo pensamento. Enquanto Antígona e Édipo agem movidos pelo desejo, Hamlet fica paralisado pelo pensamento, que anula o desejo. Hamlet declina do desejo ao não conseguir matar o rival por uma paralisia no braço. Ao acreditar que sua ação deva ser movida pelo saber, Hamlet vacila, fica preso no pensamento. Ao contrário de Antígona, que pensa com os pés, o pensamento de Hamlet não o permite caminhar.

O sujeito moderno, portanto, é aquele que foi apartado da sua dimensão trágica, na medida em que a tentativa da modernidade seria organizar o mundo pela razão e pela ciência. A filosofia vem como uma tentativa de racionalizar o desejo, de explicar o mundo pela via do pensamento. O herói trágico antigo é aquele que age motivado pelo desejo, tal como fizeram Antígona e Édipo. O herói moderno pensa demais, e aquilo que fica no campo do seu pensamento tem dificuldade de se inscrever em ato. Mas não é que Antígona e Édipo não pensem, eles pensam, todavia o pensamento deles não é intelectual, é um pensamento desejante que os faz caminhar. Antígona, como afirma [6] pensou com os pés. Édipo, apesar de manco, também dá seu passo; não recua do desejo de saber sobre o enigma que a esfinge lhe oferta, que diz respeito à sua história e sua origem. Já Hamlet é aquele que fica subjugado pelo pensamento, porque acredita que sua essência de ser está na razão. Hamlet acredita que pensando irá solucionar sua pergunta: “ser ou não ser”, não compreende que só será sujeito a partir do seu ato. Hamlet acredita que pode ser agente de seu ato a partir da decisão de ser ou não ser. Hamlet não entende que ele é, ao contrário, efeito de tal ato.

VII. A PSICANÁLISE E A SUBVERSÃO DO SUJEITO DA CIÊNCIA

A modernidade se funda no dito cartesiano: “penso, logo sou”. A psicanálise freudiana vai subverter tal afirmação com a noção de inconsciente. O inconsciente freudiano nos indica que eu existo muito mais lá onde eu não penso, lá onde eu não consigo comandar pela via da razão. Lacan traduzirá isso

como: “ou não penso, ou não sou” (1966-1967/2000, lição de 14 de dezembro de 1966). Ou também, “penso onde não sou, logo sou onde não penso” [5].

A tragédia de Hamlet é que para ele não é possível comparecer como sujeito porque ele pensa em demasia. O pensamento lhe impede de ser. E é somente lá onde não pensa que ele poderia ser.

Hamlet é alguém que está aprisionado na própria angústia, já que não consegue tomar uma posição de sujeito. [11] trabalha o conceito de angústia em Lacan: a angústia se situa num ponto de abertura sobre a certeza e exige do sujeito uma tomada de posição em ato. A angústia tem, portanto, um lugar privilegiado na psicanálise, já que mobiliza o ato em direção ao desejo. Ao agir torna-se possível arrancar da angústia a própria certeza. E é isso exatamente que Hamlet não consegue fazer. Fica paralisado na angústia neurótica e faz sintoma: uma paralisia no braço.

O que a clínica ensina a Freud, portanto, é que diante de um conflito que não pode ser resolvido na esfera do pensamento, por demandar uma tomada de decisão, o neurótico é aquele que vai tentar resolvê-lo recalçando-o. O neurótico é, portanto, aquele que recua do ato que o faria emergir como sujeito e que resolveria seu impasse. Ele prefere não agir e calar o que lhe causa mal-estar, o que, via-de-regra, retornará pela via do sintoma. Esta é a grande descoberta que Freud faz com as histéricas. O sintoma delas aparece no lugar exato onde houve uma promessa de sujeito. O sintoma, portanto, é aquilo que apareceu no lugar que deveria ter sido o sujeito; o sintoma representa o sujeito.

Já a aposta da psicanálise é que a solução para um conflito só pode vir em forma de ato de um sujeito que comparece, sempre para perder de algum modo. Assim sendo, a posição de sujeito, não nos livra da infelicidade banal, já que a perda é sempre inevitável e inequívoca, mas nos livra da miséria neurótica, aquela que nos paralisa e nos impede de tomar lugar no mundo.

Com efeito, o sintoma não é qualquer coisa para a psicanálise. Escutar o sintoma é escutar o local onde o sujeito poderia ter comparecido em ato. É por isso que tratar do sintoma em psicanálise não é o mesmo que silenciá-lo. Silenciar o sintoma é tão somente continuar impedindo que o sujeito advenha e tome sua posição.

Todavia, a promessa da ciência moderna é exatamente essa: silenciar o sujeito, transformando-o em objeto. A ciência busca alcançar um real sem sujeito, pois entende o sujeito como um incômodo, como um erro, como aquele que nos impossibilita alcançar a verdade. A grande ambição da ciência é alcançar um enunciado sem enunciador, uma teoria que se aplique a uma realidade universal, não importa quem a opere. Recalcar definitivamente o sujeito é o objetivo da ciência e, portanto, de todas as terapêuticas baseadas nesse pressuposto.

Não por acaso a psicanálise só surge com o advento da ciência moderna. O que a ciência faz na sua busca de verdade é separar sujeito de objeto, para assim se ocupar do objeto. Com o advento da ciência cartesiana o sujeito fica deslocado

e sem lugar. O que a psicanálise faz é tão somente dar lugar ao sujeito, dar voz a ele. A ciência foraclui o sujeito, a psicanálise o inclui. Assim sendo, para a psicanálise o sujeito não é objeto, mas sim, seu efeito, efeito da sua posição desejante, eminentemente trágica.

É assim que a psicanálise se afirma como uma filha bastarda da ciência, uma filha que está disposta a subvertê-la, ao considerar o sujeito como esse efeito singular, que comparecerá para cada um e a cada vez, ali o desejo abre uma fresta. Entretanto, o desejo garante ao sujeito que ele possa tomar um lugar no mundo com sua expressão singular, mas não garante a felicidade ou o sucesso, ou seja, se posicionar como sujeito do próprio desejo pode até levar ao pior. A psicanálise está disposta a não recuar do componente trágico que nos constitui, pois entende que recuar dessa dimensão trágica é produzir seres repetidos, como os objetos em série produzidos pela ciência. Ao contrário, a ciência, na tentativa de buscar um saber universal que silencie o mal-estar, escolhe recalcar o desejo. O desejo é aquilo que divide o ser, que mostra que este não é senhor de si como supõe, mas que permite a cada um imprimir sua radicalidade singular. No entanto, a ciência, na busca de um ser que seja senhor de si, que não esteja à mercê dessa vertente trágica, escolhe rejeitar o desejo. A fim de evitar a tragédia, a ciência aceita pagar o preço da rejeição do desejo e, por consequência, o que de mais singular cada sujeito pode imprimir no mundo, com sua radical diferença.



RITA DE CÁSSIA DE ARAÚJO ALMEIDA
Graduada em Educação Física e Psicologia pela UFJF. Possui mestrado em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2009). Doutoranda em Educação Pela UFJF. Atualmente é professora de educação física da Prefeitura Municipal de Juiz de Fora. Diretora Técnica da COOPSAM (Cooperativa de Trabalhadores em Saúde Mental). Professora na Pós Graduação em Saúde Mental na Faculdade Estácio de Sá. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicanálise, atuando principalmente nos seguintes temas: psicanálise, saúde pública, saúde mental, educação, educação inclusiva, teorias da aprendizagem. Foi professora substituta na UFJF para a disciplina Psicologia da Aprendizagem.

...

...

Referências

- [1] FREUD, S. (1928 [1927]/1987) Dostoiévski e o parricídio In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 21. Rio de Janeiro: Imago, p.181-200.
- [2] LACAN, J. (1959-1960/1988) O seminário livro 7: A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- [3] LACAN, J. (1964/1988) O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- [4] LACAN, J. (1965-1966). A ciência e a verdade. In Escritos (pp. 869-892). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- [5] LACAN, J. (1957) A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: Escritos. (p. 496-533). Rio de Janeiro: Zahar, 1998
- [6] LACAN, J. (1959-1960) O seminário livro 7: A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.
- [7] FOUCAULT Apud: PACHECO, Olandina M. C. A. Sujeito e Singularidade. Ensaio sobre a construção da diferença. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1996, p 76.
- [8] NIETZSCHE, Friedrich. Assim falava Zarathustra. São Paulo: Escalada Educacional, 2006.
- [9] QUINET, Antônio. Édipo ao pé da letra – fragmentos de tragédia e psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2015.
- [10] ROUDINESCO, Elisabeth. Por que a psicanálise? Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- [11] VORSATZ, Ingrid de Mello. Antígona e o fundamento trágico da ética da psicanálise. Tese (doutorado) – UFRJ/Instituto de Psicologia/Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica). Rio de Janeiro, 2010.